



Paschoal Segreto e seus Empreendimentos: Os Parques de Diversões do Rio de Janeiro no Início do Século XX

Paschoal Segreto y sus Emprendimientos: Los Parques de Diversiones de Río de Janeiro a Comienzos del Siglo XX

E3_05 - Ocio y entretenimiento en las ciudades iberoamericanas. Prácticas, ideas y circulación de imaginarios en el siglo XX

Beatriz de Souza Ferreira

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo,
Brasil.

beatrizdesouzaferreira.bsf@gmail.com

Mariana Rodrigues de Oliveira

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo,
Brasil.

mari.oliveira.ana1705@gmail.com

Niuxa Dias Drago

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Laboratório de Narrativas em
Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo, Brasil.

niuxadrago@fau.ufrj.br

Resumo: O Rio de Janeiro, capital do Brasil no início do século XX, foi objeto dos novos ideais urbanísticos da Primeira República, principalmente na zona central da cidade, com as Reformas de Pereira Passos (1904-1906) e de Carlos Sampaio (1921-23). Com um regime escravocrata recém abolido e um movimento migratório emergente, a cidade buscava a imagem da modernidade, o que incluía modificar as relações da população com seus espaços, reflexo de movimentos sociais e tecnológicos que demandavam novas formas de lazer, classificadas como “[...] um hábito saudável e que revelava alto grau de civilização.” (SANTUCCI, 2012, p.205). Assim, o trabalho é subproduto da pesquisa “Narrativas audiovisuais sobre a Exposição de 1922” e pretende compreender o panorama dos divertimentos do Rio de Janeiro no período precedente à Exposição do Centenário da Independência. Dessa forma, a ideia do trabalho é se aprofundar na origem das práticas reproduzidas na Exposição a partir da investigação dos espaços de lazer cariocas no início do século XX como o Parque Fluminense, o Pavilhão Internacional e a Maison

Moderne, empreendimentos de Paschoal Segreto, empresário que introduziu, impulsionou e popularizou diversas atrações na cidade. Compreendeu-se, assim, como ocorria o acesso aos parques de diversão, o perfil socioeconômico dos participantes, o que os atraía e como os divertimentos inovadores se disseminaram entre as camadas sociais. O preço das atrações e a adesão dos cidadãos permitem entender o papel dos espaços de lazer na construção da sociedade moderna. Extrapolando o programa de entretenimento, tais espaços servem de suporte para variados eventos sociais e políticos. Logo, pode-se considerá-los núcleos importantes que impactam diretamente a vida da sociedade do Rio de Janeiro, sobretudo nas regiões sul e central, afinal, eles corroboram a consolidação da identidade nacional e do imaginário referente à definição de divertimento em si, permeada por adventos tecnológicos e mudanças socioculturais.

Palavras-chave: Rio de Janeiro; Espaços de Lazer; Parques de Diversões; Dinâmicas Socioculturais; Paschoal Segreto.

Resumen: *Río de Janeiro, capital de Brasil a comienzos del siglo XX, fue objeto de los nuevos ideales urbanísticos de la Primera República, especialmente en la zona central de la ciudad, a partir de las reformas emprendidas por Pereira Passos (1904-1906) y Carlos Sampaio (1921-23). Tras la abolición del régimen esclavista y el aumento del flujo migratorio, la ciudad buscó proyectar una imagen de modernidad, lo que implicó transformar la relación de la población con el espacio urbano. Este proceso reflejó cambios sociales y tecnológicos que exigían nuevas formas de ocio, concebidas como “[...] un hábito saludable y revelador de un alto grado de civilización” (SANTUCCI, 2012, p. 205). En este contexto, el presente trabajo es un resultado de la investigación “Narrativas audiovisuales sobre la Exposición de 1922” y tiene como objetivo analizar el panorama de los entretenimientos en Río de Janeiro en el período previo a la Exposición del Centenario de la Independencia. Se propone investigar el origen de las prácticas de ocio reproducidas en dicho evento, a partir del estudio de espacios de recreación cariocas de comienzos del siglo XX, como el Parque Fluminense, el Pabellón Internacional y la Maison Moderne, emprendimientos de Paschoal Segreto, empresario que introdujo y popularizó diversas atracciones en la ciudad. El análisis aborda el acceso a los parques de diversiones, el perfil socioeconómico del público y la difusión de entretenimientos innovadores entre distintos estratos sociales, así como su función como espacios de sociabilidad y de encuentro colectivo. El costo de las atracciones y la adhesión del público permiten comprender el papel de los espacios de ocio en la configuración de la sociedad moderna y de la identidad cultural urbana.*

Palabras-clave: *Río de Janeiro; Espacios de Ocio; Parques de Diversiones; Dinámicas Socioculturales; Paschoal Segreto.*

Introdução

No final do século XIX e início do século XX, o Rio de Janeiro consolidava-se como o principal centro político, econômico e administrativo do país, concentrando a intermediação da economia cafeeira, a maior bolsa de valores nacional e um conjunto expressivo de instituições financeiras. A esse protagonismo somaram-se acontecimentos decisivos, como a abolição da escravidão em 1888 e a Proclamação da República no ano de 1889, que intensificaram o crescimento populacional e impuseram a necessidade simbólica de ruptura com o passado imperial. O fortalecimento dos fluxos migratórios, especialmente a partir da década de 1870, contribuiu para transformar a capital em uma cidade em expansão latente, sendo um cenário que seria consolidado pelas reformas urbanas do início do século XX e pela redefinição de uso do espaço urbano (Sevcenko, 1995; Martins, 2004).

Nesse contexto de transformações aceleradas, o lazer e o divertimento passaram a ocupar papel central na vida urbana carioca. A ampliação do tempo livre, associada à formação de um público trabalhador com alguma capacidade de consumo, em função da remuneração do trabalho, favoreceu que houvesse um aumento de atividades destinadas a “tonificar os nervos, exercitar os músculos, estimular os sentidos e o espírito” (Sevcenko, 1992 apud Martins, 2004). Os teatros, jogos, cafés-concerto, esportes e espetáculos noturnos tornaram-se práticas disseminadas, ao mesmo tempo em que o entretenimento estava em processo de fortalecimento como um setor economicamente lucrativo, submetido a licenças municipais, regulamentações ambíguas e frequentes tensões entre legalidade e ilicitude. Deste modo, o divertimento urbano afirmava-se enquanto dimensão estruturante da modernidade carioca.

É nesse cenário que se destaca a atuação de Paschoal Segreto, empresário italiano responsável por articular e propagar, de forma inédita, diferentes modalidades de entretenimento público no Rio de Janeiro entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Atuando em campos diversos, como o do teatro, do cinema, dos jogos e dos parques de diversões, Segreto construiu um sistema de lazer, explorando tanto equipamentos voltados às elites quanto espaços populares de grande circulação. Sendo assim, o presente artigo tem como objetivo analisar três de seus empreendimentos – a Maison Moderne, o Pavilhão Internacional e o Parque Fluminense – entendendo-os como núcleos da cultura do divertimento carioca no período.

A análise desses parques justifica-se pelo papel que desempenharam na formação de expectativas, práticas e imaginários relacionados ao lazer urbano moderno, especialmente no que se refere à familiarização do público com atrações mecanizadas, espetáculos visuais e experiências coletivas de entretenimento. Argumenta-se aqui a ideia de que esses espaços funcionaram como antecedentes do Parque de Diversões da Exposição Internacional do Centenário da Independência de 1922, atração que construiu um espaço de sociabilidade e de produção de imaginários. Portanto, compreender os parques de Paschoal Segreto permite lançar luz sobre a lógica cultural, econômica e social que sustentou o sucesso do parque da Exposição.

Para isso, a pesquisa baseia-se na análise de fontes primárias e secundárias, com destaque para periódicos da época, revistas ilustradas e jornais consultados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (entre eles: A Noite, O Malho, O Paiz, Revista da Semana e Jornal do Brasil), além de registros fotográficos. Soma-se a esse conjunto a revisão bibliográfica especializada sobre lazer, modernidade urbana, exposições internacionais e a atuação de Paschoal Segreto, bem como entrevistas com pesquisadores dedicados ao estudo da cidade, da arquitetura e da cultura urbana,

entre eles Carlos Kessel¹ e Margareth Pereira², que contribuíram para aprofundar a interpretação crítica do material analisado.

A leitura cruzada dessas fontes possibilita compreender os parques de diversões não apenas como equipamentos festivos, mas como artefatos culturais e políticos, inseridos nas dinâmicas de reorganização urbana, de controle social e de produção simbólica da modernidade almejada. Nesse sentido, a abordagem adotada dialoga com a compreensão do lazer como elemento ativo na construção da identidade nacional e na redefinição da experiência urbana no Rio de Janeiro.

A República e sua imagem: o Brasil e o Rio de Janeiro

O Brasil vivenciou um processo de reorganização profunda de suas estruturas políticas, econômicas e simbólicas nos últimos dez anos do século XIX, impulsionado pela abolição da escravidão em 1888 e pela Proclamação da República em 1889. A ruptura com o regime imperial impôs à nova ordem republicana o desafio de afirmar-se como moderna e civilizada, tanto no plano institucional quanto na organização do território e das cidades. Esse projeto republicano, contudo, desenvolveu-se de forma desigual, concentrando-se sobretudo na região Sudeste, onde se articulavam os principais interesses econômicos e políticos do país (Sevcenko, 1995; Martins, 2004).

A economia brasileira permanecia fortemente ancorada na exportação do café, atividade que estruturava as relações entre os estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Enquanto São Paulo consolidava-se como principal centro produtor, o Rio de Janeiro desempenhava papel estratégico como capital federal, intermediando fluxos financeiros, concentrando instituições bancárias e assumindo a função de cidade-imagem do país no cenário internacional. Essa relação reforçou a centralidade política e simbólica do Rio, responsável por disseminar os modelos de modernização urbana, cultural e administrativa que se pretendiam nacionais.

Assim, o espaço exemplar da República vem a ser a sua capital, o Rio, e é encarregada de materializar, em sua paisagem e em seus modos de vida, os valores do progresso, da ordem e da civilização. O Rio de Janeiro tornava-se, assim, um laboratório vivo das políticas urbanas e sanitárias, bem como das novas formas de sociabilidade e consumo associadas à modernidade. A cidade exportava não apenas imagens de progresso, mas também práticas culturais e padrões de comportamento que buscavam legitimar o projeto republicano diante da população e da comunidade internacional (Kessel, 2001).

Essas diretrizes ganharam expressão concreta por meio das grandes reformas urbanas conduzidas durante o governo do presidente Rodrigues Alves³ (1902 - 1906) e da gestão municipal do prefeito Francisco Pereira Passos⁴. Inspiradas nos modelos haussmannianos⁵, as intervenções promoveram

¹ Historiador e pesquisador brasileiro, referência nos estudos sobre exposições internacionais, modernização urbana e cultura visual no Brasil republicano, com ênfase no Rio de Janeiro do início do século XX.

² Arquiteta e pesquisadora brasileira, professora da FAU/UFRJ, com atuação destacada nos campos da história urbana, patrimônio cultural e transformações do espaço urbano no Rio de Janeiro.

³ Presidente da República entre 1902 e 1906, foi responsável por conduzir um amplo projeto de modernização institucional e urbana, apoiando reformas sanitárias e de infraestrutura que redefiniram a capital federal.

⁴ Engenheiro e prefeito do Distrito Federal entre 1902 e 1906, liderou as reformas urbanas do Rio de Janeiro inspiradas em modelos europeus, promovendo grandes intervenções viárias e a reconfiguração do centro da cidade, sendo mais conhecido pela demolição de cortiços nas obras “Bota-baixo”.

⁵ O termo *haussmanniano* refere-se ao modelo de intervenção urbana desenvolvido em Paris entre 1853 e 1870, sob a administração de Georges-Eugène Haussmann, baseado nos princípios de sanear, circular e embelezar. Difundiu-se

a abertura da Avenida Central (atual Rio Branco), a remodelação do porto e a demolição de áreas consideradas insalubres no centro da cidade (Figura 01). As reformas alteraram a morfologia urbana (Figura 02) e redefiniram os usos do espaço público, ao mesmo tempo em que deslocaram populações pobres para as periferias, removendo cortiços da região central e criando “boulevards” inspirados nas avenidas de passeio francesas, o que evidencia o caráter restrito e excludente da modernização empreendida (Kessel, 2001; Levy, 2010).



Figura 01: Abertura da Avenida Central, obra do prefeito Pereira Passos cortando o centro da cidade e conectando orlas da cidade. Fonte: Augusto Malta, 1904.



Figura 02: Avenida Central concluída, atual Avenida Rio Branco. Fonte: Mark Ferrez, Álbum da Avenida Central, 1910.

como um estilo urbano e foi apropriado por diferentes cidades, no Brasil, esse ideário influenciou as reformas urbanas do início do século XX, como no Rio de Janeiro e em Salvador (PINHEIRO, 1998).

O período, portanto, caracterizou-se por um processo de modernização urbana ambígua. A cidade moderna afirmava-se por meio da violência simbólica e material sobre corpos, territórios e modos de vida, ao mesmo tempo em que buscava construir uma imagem de ordem, higiene e civilidade, que não se destinava apenas à circulação, ao saneamento e à representação do poder republicano, mas também à produção de novos hábitos urbanos. Nesse recorte de hábitos e produção de sociabilidade, o entretenimento público aflorou e funcionou, muitas vezes, como cortina às tensões.

Ao mesmo tempo, esses espaços de divertimento não estavam dissociados das disputas políticas e das hierarquias sociais que atravessavam a cidade. Longe de constituírem territórios neutros, os locais de lazer eram frequentemente regulados, vigiados e classificados segundo critérios morais, sanitários e econômicos, refletindo as ambivalências da modernidade carioca. Enquanto determinados empreendimentos se alinhavam ao que era considerado “civilizado” e à distinção das elites, outros eram estigmatizados como espaços de desordem, promiscuidade ou ameaça à moral pública, sobretudo quando frequentados por trabalhadores, imigrantes e populações pobres deslocadas do centro urbano (Martins, 2004, p. 130 - 141).

É nesse entrelaçamento entre modernização urbana, tensões sociais e expansão do entretenimento que se insere a produção de Paschoal Segreto e o início da consolidação dos divertimentos no Rio de Janeiro do início do século XX. A difusão de atrações mecanizadas, espetáculos visuais e práticas de lazer coletivo acompanhou a própria transformação da capital em vitrine do progresso republicano, funcionando como componente simbólico da cidade que se pretendia moderna, cosmopolita e integrada às dinâmicas internacionais (Kessel, 2001). Assim, o lazer no meio urbano deve ser compreendido como parte constitutiva do projeto de modernidade carioca (Drago, 2021).

Paschoal Segreto: O Homem a Máquina

Nascido em 22 de março de 1868, em San Martino di Cilento, no sul da Itália, Paschoal Segreto (Figura 03) chegou ao Brasil em 1883, acompanhado de um de seus irmãos, Gaetano Segreto, integrando o fluxo migratório italiano que se dirigia à capital federal no final do século XIX. Já em 1896, registra-se que seu outro irmão, Afonso, chega ao Rio, este que seguiu o ramo da cinematografia na “Empresa Segreto”. Sua trajetória inicial no Rio de Janeiro foi marcada por instabilidade e, provavelmente, por poucos recursos financeiros, como a de muitos imigrantes, tendo sido preso algumas vezes. Essa condição permitiu-lhe participar dos ritmos e compreender as demandas da cidade em transformação, retendo experiências que seriam decisivas para sua posterior atuação no campo dos divertimentos urbanos. Ao chegar ao país, realizou trabalhos no setor do comércio, atuando na entrega de jornais e na venda de bilhetes de loteria. Assim, Paschoal Segreto vivenciava diretamente as ruas, integrando-se e apreendendo as relações sociais no espaço urbano (Martins, 2004).

A inserção de Segreto no cenário carioca deu-se de forma decisiva por meio da máquina cinematográfica, símbolo maior da modernidade técnica do período. Ao participar da implantação da primeira sala de exibição permanente de cinema no Brasil, em 1897, na Rua do Ouvidor, no centro do Rio de Janeiro, junto ao empresário Cunha Salles, Segreto não apenas introduziu uma nova tecnologia de espetáculo, mas também contribuiu para a reorganização do tempo livre, da sociabilidade urbana e das formas de consumo cultural. O cinema, para ele, não era apenas atração, mas engrenagem de um sistema mais amplo de entretenimento, capaz de operar continuamente, renovar públicos e gerar lucro em escala inédita. A partir desse ponto, sua entrada



no ramo dos divertimentos e espaços de lazer foi oficialmente consolidada, tendo atuado também em outras cidades além do Rio de Janeiro, como Niterói e Petrópolis.

Logo, o italiano expandiu sua atuação para outros domínios, estruturando um verdadeiro complexo de atrações na cidade. O que se denomina como parque de diversões consistem em um espaço que concentra múltiplas atividades destinadas aos momentos de ócio e que passaram a funcionar como peças interligadas de um mesmo mecanismo urbano. A lógica do seu funcionamento baseava-se na constante introdução de novidades técnicas e programáticas. Segreto investiu em aparelhos mecanizados, dispositivos elétricos, esportes de exibição e modelos de espetáculo seriado, como o teatro por sessões, reduzindo custos e ampliando o acesso. Ao transformar a repetição, a velocidade e a sensação em mercadoria, ele incorporou ao lazer urbano princípios próprios da industrialização, aproximando o entretenimento das dinâmicas produtivas da cidade moderna. O riso, a adrenalina e o espanto tornaram-se produtos operados por máquinas e por estratégias empresariais (Drago, 2021; Martins, 2004, p.81).

A morte de Paschoal Segreto ocorreu em 22 de fevereiro de 1920, marcando simbolicamente essa fase pioneira do entretenimento urbano carioca. A ampla repercussão de seu falecimento na imprensa consolidou sua imagem pública como o grande operador da alegria urbana, figura que soube traduzir as demandas da modernidade em experiências de lazer acessíveis e tecnicamente mediadas. Seu desaparecimento coincidiu com um momento de intensificação das reformas urbanas e de reorganização simbólica da capital, às vésperas da Exposição Internacional do Centenário da Independência, e seus feitos e influência na sociedade carioca têm reflexos no próprio comportamento da sociedade urbana nos anos seguintes.

Compreender Paschoal Segreto como “o homem e a máquina” permite interpretar sua trajetória como a materialização de um modo específico de produção do lazer urbano, vinculado ao imaginário técnico do período. Ao articular invenção, espetáculo e exploração comercial, seus empreendimentos contribuíram para naturalizar a presença da eletricidade, dos dispositivos mecânicos e da novidade contínua como parte da experiência cotidiana do divertimento. Esse processo foi fundamental para a formação de um público habituado à mediação do lazer, cujas expectativas seriam mobilizadas no Parque de Diversões da Exposição de 1922. A análise dos parques de Segreto, portanto, evidencia como a diversão e as mudanças da cidade se articularam na construção da modernidade carioca, celebrada no contexto do centenário.



Figura 03: Retrato Paschoal Segreto (1868-1920). Fonte: Revista Nossa História, Arquivo Nacional (autor desconhecido), cerca de 1900.

Os Divertimentos e os Parques de Paschoal Segreto

Como supracitado, o lazer urbano afirmava-se como prática civilizatória, articulando entretenimento, técnica e vida pública. O divertimento moderno celebrava as novas tecnologias – elétricas, mecânicas e visuais – ao mesmo tempo em que se estruturava como atividade rentável, integrada à lógica do mercado e do consumo. As reformas urbanas, com a abertura de grandes vias, praças e áreas de circulação, criaram os suportes espaciais para essas práticas, enquanto a redução gradual da jornada de trabalho e a institucionalização dos dias de folga ampliaram o tempo disponível para o lazer.

Posto isto, os parques de diversões, festas públicas e espetáculos coletivos tornaram-se espaços privilegiados de sociabilidade, nos quais se combinavam a expectativa pela adrenalina e a experiência compartilhada. Ademais, destaca-se que, embora Paschoal Segreto tenha atuado em diversos outros empreendimentos ligados ao divertimento urbano, concentra-se aqui a análise do Parque Fluminense, da Maison Moderne e do Pavilhão Internacional, por serem representativos das dinâmicas do lazer na capital, o Rio de Janeiro, no início do século XX.

Parque Fluminense

Sua inauguração data de 1899. Localizado no Largo do Machado, então Praça Duque de Caxias, o Parque Fluminense constituiu um dos principais empreendimentos de Paschoal Segreto voltados ao lazer urbano no início do século XX. Frequentado sobretudo por moradores das zonas sul e central da cidade, o parque reunia espetáculos musicais e teatrais, além de diversões consideradas modernas, como cinematógrafo, pista de patinação e atrações mecanizadas. Seu perfil, frequentemente associado às camadas mais abastadas da sociedade carioca, consolidou o espaço como ponto de encontro social e cultural.

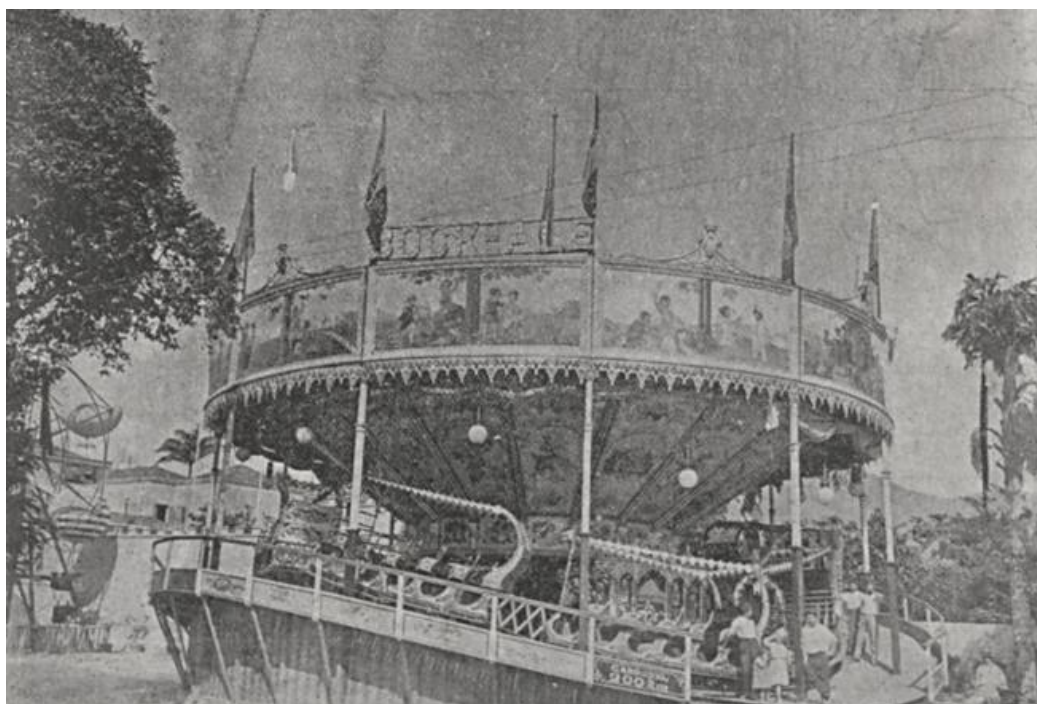


Figura 04: Carrossel do Parque Fluminense. Fonte: O Malho, RJ, 1903.

O Parque Fluminense destacou-se, desde sua inauguração, pela incorporação precoce de atrações mecanizadas e pelo discurso explícito da novidade tecnológica explorado pela imprensa. Segundo o jornal O Malho, o parque anunciava-se como portador de uma “novidade única”, informando que “a empresa está montando a nova montanha russa e carroussel electrico (Figura 04), diversão que trará o público debaixo da mais agradável impressão” (O Malho, 1903). As chamadas insistiam no caráter inédito das experiências oferecidas, associando diretamente eletricidade, movimento e sensação ao vocabulário da modernidade. A atração “*Looping the loop*” (Figura 05), descrita pela Revista da Semana como “perigosa diversão exibida atualmente no Parque Fluminense, no Rio de Janeiro” (Revista da Semana, 1905), sintetizava esse apelo à adrenalina e à velocidade, elementos centrais da cultura urbana moderna e amplamente explorados como espetáculo visual.

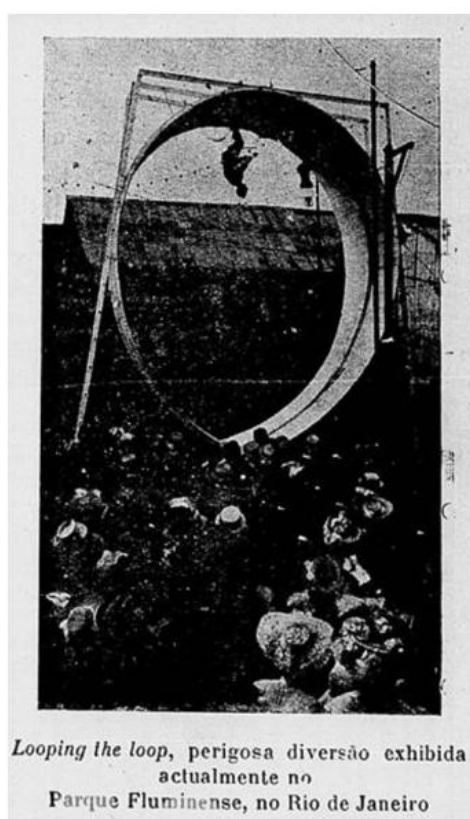


Figura 05: *Looping the loop* do Parque Fluminense. Fonte: Revista da Semana, RJ, 1905.

Além das inovações tecnológicas, o Parque Fluminense oferecia um programa diversificado de atrações não mecanizadas, que ampliava seu alcance e consolidava-o como espaço de lazer multifuncional. As fontes dos periódicos registram a presença constante de concertos musicais, cinematógrafo, patinação – atividade de alto prestígio e valor na época –, tiro ao alvo e lutas esportivas, como a luta romana. Os anúncios de concertos publicados em O Paiz destacavam programações musicais regulares, com repertórios eruditos e populares, reforçando o caráter contínuo e cotidiano do entretenimento oferecido.

No que diz respeito ao perfil do público, os periódicos são explícitos ao associar o Parque Fluminense às camadas mais altas da sociedade carioca. Segundo O Malho, o espaço era descrito como “o centro da sociedade carioca mais fina – notável refrigério das noites tropicais, primoroso jardim das crianças e das famílias” (O Malho, 1904). A Revista da Semana reforçava essa imagem

ao noticiar que “inaugurou-se o theatro do Parque Fluminense, boa casa para espetáculos, que alia as maiores comodidades ao luxo do mais exigente” (Revista da Semana, 1902). Outro anúncio detalhava a estrutura interna do teatro, afirmando que “a plateia toda era constituída de simples e cômodas cadeiras austríacas de assento de palhinha” e informando valores de ingresso, como “a cadeira custava dois mil réis e a varanda mil e quinhentos” (O Malho, 1903).

Por fim, o Parque Fluminense, assim como os demais que serão vistos, extrapolou sua função estrita de entretenimento e consolidou-se como espaço cívico e de reunião social, acolhendo eventos de natureza política, beneficente e institucional. As fontes a realização de festivais beneficentes, como o evento em prol da *Protecção à Infancia* (O Paiz, 1900), além de encontros políticos, como a Convenção Nacional do Partido Republicano Liberal (Figura 06), documentada pela Revista da Semana em 1913. Esses usos reiteraram o papel do Parque Fluminense como espaço híbrido, no qual lazer, sociabilidade, distinção social e vida cívica se entrelaçavam de forma estruturante na experiência urbana carioca. Seu notório sucesso e inovações propostas fez com que o Parque Fluminense fosse o mais duradouro dos três parques analisados, tendo suas atividades encerradas apenas em 1946.



Figura 06: Convenção nacional - Partido republicano liberal. Fonte: Revista da Semana, RJ, 1913.

Maison Moderne

A Maison Moderne (Figura 07) estava localizada na Praça Tiradentes, área de intensa circulação e sociabilidade popular. O espaço de diversões foi inaugurado em 1903 e tornou-se um dos maiores parques de diversões mantido por Paschoal Segreto. Com programação variada e acesso amplo, o espaço combinava atrações elétricas, exhibições cinematográficas e espetáculos teatrais, dirigindo-se majoritariamente às camadas médias-baixas e populares da cidade. A Maison Moderne destacou-se como espaço de lazer fortemente integrado à vida do centro carioca.



Figura 07: Fachada e “Balões” da Maison Moderne Fonte: Rio Antigo, postagem Facebook, 2015.

Logo, a Maison Moderne destacou-se pela centralidade das atrações mecanizadas e tecnológicas, frequentemente anunciadas pela imprensa como símbolos da novidade e do espanto moderno. Segundo O Malho, “no Rocio impera a Maison Moderne, com as suas montanhas russas e seus programas de espetáculo os mais estupefacientes que se pode imaginar”, associando o espaço à circulação de inovações. Os anúncios enfatizavam a variedade técnica do parque, listando atrações como “fio aéreo – diorama – vista de todos os países⁶ – bicycles electricos – jogos das bengalas – montanhas russas – maquinismos automáticos” (Figura 08), reforçando a ideia de um ambiente onde a técnica era fornecia a experiência lúdica.



Figura 08: Vista Geral Maison Moderne – Matéria Periódico. Fonte: O Malho, RJ, 1903.

⁶ Indicativo à vista panorâmica implementada pela Empreza Segreto na Maison Moderne. Era realizado a partir de um aparelho alemão de onde era possível avistar toda a cidade e os pavilhões internacionais da exposição.

Para além dos dispositivos mecânicos, a Maison Moderne também abrigava uma ampla gama de atrações não tecnológicas, sobretudo espetáculos performáticos e esportivos, que ampliavam seu apelo popular. Segundo O Malho, o cassino reunia “uma multidão de novidades e estreias sem conta, de mulheres que cantam e acrobatas que fazem exercícios”, combinando música, acrobacia e exibição corporal. Outras práticas também integravam a programação, como a luta romana, a escola de esgrima esportiva (anunciada como parte da educação moderna por ser útil e higiênico) e apresentações diversas que reforçavam o caráter híbrido do espaço.

O público da Maison Moderne, conforme descrito pela imprensa, distinguia-se pela amplitude social e pela acessibilidade econômica do espaço. Segundo O Malho, “a entrada era franca e tudo era grátis” para algumas das atrações do local, condição que favorecia a presença de camadas médias-baixas e populares. Ainda segundo o jornal, a Maison Moderne “diverte o público que a procura a preços reduzidos”, reforçando seu caráter inclusivo em comparação a outros estabelecimentos de lazer da cidade. Fotografias publicadas mostram plateias numerosas e heterogêneas, e os textos destacam a frequência constante: “todas as noites – grátis tudo – todas as noites”. Assim, consolidava-se como um espaço de grande circulação urbana e à apropriação popular da modernidade.

Por fim, a Maison registra também encontros da sociedade civil de cunho institucional e organizacional. Ela sedia o “grande comício operário realizado na Maison Moderne, em regozijo pela data de 1º de Maio” (Figura 09), reunindo uma multidão que “enchia a plateia” no dia 01 de maio (O Malho, 1918). Nesse sentido, a Maison Moderne, que fecha as portas por volta do ano de 1923, articulava diversão, sociabilidade e ação coletiva, configurando-se como um espaço onde lazer e política se sobrepunham, em consonância com as tensões e demandas da vida urbana no início do século XX.



Figura 09: Comício Operário - 01 de maio. Fonte: O Malho, RJ, 1918.

Pavilhão Internacional

O Pavilhão Internacional (Figura 10), instalado na Avenida Central nº 154 em 1906, afirmava-se como um espaço de espetáculo marcado pelo entretenimento contínuo e certa ambiguidade sobre o que representava para a cidade. Segundo a Revista da Semana, o local “continua este vasto recinto a encher-se de apreciadores dos ligeiros espetáculos de café-concerto”, reunindo números considerados “excêntricos”, capazes de prender o público pela surpresa e pela variedade. Concertos, apresentações musicais e performances constituíam o núcleo do programa, que se renovava constantemente. Em outro registro, o periódico destaca que “concertos e atrações [...] são elementos bastos de êxito para o barracão da Avenida”, evidenciando o apelo popular do espaço, mesmo diante das críticas à precariedade arquitetônica do edifício.



Figura 10: Fachada Pavilhão Internacional. Fonte: Augusto Malta, sem ano.

Em relação ao público frequentador, as fontes indicam uma composição heterogênea e numerosa. A Revista da Semana afirma que as matinês familiares obtinham êxito, como no registro: “Ainda no domingo passado a matinê chic, familiar, foi um sucesso”. Ao mesmo tempo, não faltavam críticas ao caráter improvisado do edifício (Figura 11), sintetizadas no verso ácido publicado pela revista: “É pena, dessa maneira/atrativos afamados/viverem enclausurados/numa barraca de feira!”, revelando a dupla visão entre sucesso popular e desprestígio arquitetônico. Ainda assim, o Pavilhão mantinha-se cheio, reforçando sua importância na propagação do entretenimento na cidade.

Sobre suas atrações, o espaço reunia espetáculos e atrações corporais que exploravam a destreza física, o risco e o impacto visual. Como posto pela Revista da Semana, o recinto “continua este vasto recinto a encher-se de apreciadores dos ligeiros espetáculos de café-concerto”, combinando cantoras, bailarinas, músicos e ilusionistas em sucessivas sessões. As lutas romanas – masculinas e femininas – figuravam entre as atrações de maior apelo, acompanhadas por campeonatos de boxe, apresentações de acrobatas de trampolim, ciclistas e ginastas, compondo um repertório marcado pela exibição do corpo (Figura 12). A imprensa ressaltava ainda que “todas as noites é enorme a concorrência de espectadores”, indicando que a rotatividade das atrações e o apelo ao espetáculo garantiam a popularidade do Pavilhão, que operava como polo de entretenimento urbano na Avenida Central.



Figura 11: Pavilhão Internacional na Avenida Central, ao lado do Hotel Avenida Central. Fonte: Detalhe de estereoscopia do acervo do Arquivo Nacional, Autor Desconhecido, 1908.

PAVILHÃO INTERNACIONAL
154, Avenida Central, 154
 O local mais amplo e arejado
 da Capital
EMPRESA PASCHOAL SEGRETO
 The South American Tour
 Espectáculos de Café-Concerto
 com variedades e atrações de
 1ª ordem.
 HOJE Terça-feira, 15 de agosto HOJE
 Às 8 3/4 da noite
 Extraordinario espectáculo variado
 Sucesso da «troupe» Dalloff, acro-
 batas ao trampolim
 Exito em toda a linha do Trio
 Willy Arbura, acrobatas equilibristas
 musicas.
 Sydney e seu Groom, cyclistas co-
 micos sérios.

Figura 12: Espetáculos, acrobatas, ciclistas em notícia do Pavilhão Internacional. Fonte: A Noite, RJ, 1911.

Por fim, além do entretenimento, o Pavilhão Internacional desempenhou papel relevante como centro cívico e político, acolhendo reuniões, sessões solenes e homenagens. O Malho registrou a “Sessão solene dos operários do Rio de Janeiro, no Pavilhão Internacional, em homenagem ao sociologista Enrico Ferri” (Figura 13). Em outra ocasião, o periódico noticiou: “O Sr. Dr. Coelho Lisboa proferindo um discurso na sessão cívica realizada no Pavilhão Internacional” em prol da candidatura de Dantas Barreto (Figura 14).



Figura 13: Sessão solene dos operários do Rio de Janeiro, no Pavilhão Internacional. Fonte: O Malho, RJ, 1908.



Figura 14: Conferência política no Pavilhão Internacional. Fonte: A Noite RJ, 1911.

Essas atividades evidenciam que o espaço ultrapassava a função recreativa, constituindo-se como arena de expressão política e social. Entretanto, apesar de sua popularidade e de tentativas de, narrativamente, alterar sua reputação enquanto um espaço sujo (vide o topo da Figura 12, em que se anuncia o espaço como o “mais amplo e arejado” da capital), o Pavilhão foi desmontado e demolido em 1914, no contexto das reformas da Avenida Central e sua renomeação. O Malho celebrou ironicamente o evento (Figura 15): “Finalmente, desmantelou-se para sempre, sob a picareta do progresso, o monstrengo horrível [...]”, marcando simbolicamente o fim de um dos mais controversos espaços de divertimento da Belle Époque carioca.



Figura 15: Demolição do Pavilhão Internacional. Fonte: O Malho, RJ, 1914.

Conclusão

A análise do panorama dos divertimentos cariocas no início do século XX a partir dos três espaços de divertimentos elencados demonstra que os parques associados a Paschoal Segreto desempenharam papel central na redefinição das práticas de lazer e de sociabilidade na capital republicana. Inseridos em um contexto de reformas urbanas, transformações sociais e incorporação de novas tecnologias, esses espaços não se limitaram ao entretenimento, mas atuaram como ambientes de experimentação da modernidade, nos quais se articulavam consumo, espetáculo e circulação urbana.

O acesso aos parques, o perfil socioeconômico de seus frequentadores, a precificação das atrações e a ampla adesão do público revelam como o lazer se consolidou como prática estruturante da vida moderna, atravessando diferentes camadas sociais e respondendo tanto às demandas do mercado quanto às expectativas simbólicas de civilização e progresso.

Nesse sentido, os empreendimentos Parque Fluminense, Pavilhão Internacional e Maison Moderne podem ser compreendidos como núcleos fundamentais na construção de um repertório coletivo de experiências que antecedeu e sustentou o sucesso do Parque de Diversões da Exposição Internacional do Centenário da Independência de 1922 (Figura 16). A familiarização prévia do público com atrações mecanizadas, espetáculos visuais e experiências sensoriais intensas preparou corpos, hábitos e imaginários para a celebração do progresso em chave lúdica e tecnológica.

Então, ao extrapolar o programa do lazer no tempo ocioso, esses espaços se afirmaram como arenas de sociabilidade, política e negociação simbólica, contribuindo para a consolidação de uma identidade urbana e nacional mediada pelo lazer. Portanto, compreender os desdobramentos dos espaços e das atrações de Paschoal Segreto permite reconhecer o entretenimento como elemento ativo nas camadas sociais da comunidade carioca e como possibilidade de representação dos ideais da modernização, sendo esses espaços suportes culturais, tecnológicos e simbólicos para a encenação do Brasil moderno apresentada em 1922.

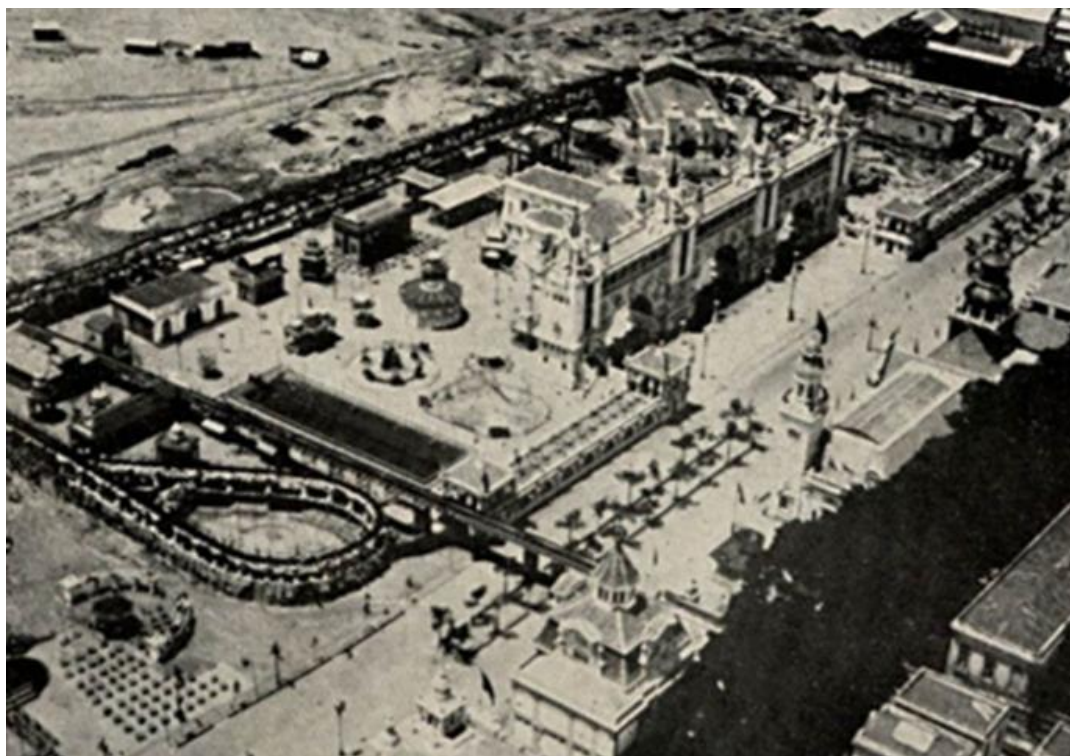


Figura 16: Montagem parque de diversões da Exposição de 1922. Fonte: Revista Fon Fon, n8, p67, fevereiro de 1923.

Agradecimentos

Este trabalho foi realizado com a contribuição dos demais pesquisadores que integraram a trajetória desta pesquisa. Além disso, a pesquisa contou com o apoio da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil), Código de Financiamento 001, e do Programa de Bolsas de Iniciação Artística e Cultural da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PIBIAC-UFRJ).

Referências

- DRAGO, Niuxa Dias. **Cidade da alegria em meio à demolição: o parque de diversões da Exposição de 1922**. In: ANAIS DOS TEXTOS COMPLETOS DA VI JORNADA NACIONAL ARQUITETURA, TEATRO E CULTURA. Rio de Janeiro: UNIRIO/CNPq, Laboratório de Estudos do Espaço Teatral e Memória Urbana, 2021. p. 15–23.
- JOHNSON, Steven. **O poder inovador da diversão: como o prazer e o entretenimento mudaram o mundo**. Tradução de Claudio Carina. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- KESSEL, Carlos. **A vitrine do progresso: exposições internacionais e o Brasil republicano**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2001.
- LEVY, Ruth. **A Exposição do Centenário e o meio arquitetônico carioca no início dos anos 20**. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2010.
- LIMA, Evelyn Furquim Werneck. **Arquitetura do espetáculo: teatros e cinemas na formação da Praça Tiradentes e da Cinelândia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.
- MARTINS, Ângela. **A Exposição Internacional de 1922 no Rio de Janeiro: um espaço urbano turístico na jovem república brasileira**. In: RIO, Vicente del (org.) *Arquitetura: pesquisa & projeto*. Rio de Janeiro: FAU UFRJ, 1998 (Coleção PROARQ), pp. 121-146.
- MARTINS, William de Souza Nunes. **Paschoal Segreto: “ministro das diversões” e o mercado de diversão carioca (1883–1920)**. Dissertação (Mestrado em História). Rio de Janeiro: UNIRIO, 2004.
- MARTINS, William de Souza Nunes. **Paschoal Segreto e o mercado de diversões no Rio de Janeiro**. Palestra. Rio de Janeiro, 2023.
- MARZANO, A; ARDRADE, V.(orgs) **Vida Divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.
- PEREIRA, Cristiana Schettini. **Um gênero alegre – Imprensa e pornografia no Rio de Janeiro (1898 – 1916)**. 1997. Dissertação, (mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1997.
- SANT’ANA, Thais Rezende da Silva de. **A Exposição Internacional do Centenário da Independência: modernidade e política no Rio de Janeiro do início dos anos 1920**. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- SANTUCCI, Jane. **Babélica Urbe - O Rio nas crônicas dos Anos 20**. Rio de Janeiro: RioBooks, 2015.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense. Acesso em: 07 jan. 2026. 1995.
- VILAS BOAS, Naylor Barbosa. **A Esplanada do Castelo: fragmentos de uma história urbana**. 2007. Tese (Doutorado em Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (PROURB), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.